



11º UNICULT - VII Concurso de Contos e Crônicas

NOTURNO (CONTO)

Autor(es)

AMAURI BALDINE

Contos / Cricas

Noturno

Era antiga a janela, cuja madeira, agora carcomida pelos anos, suportara tantos cotovelos cansados e bisbilhoteiros. Testemunhara tantas histórias e dramas de calçada. Grandes confidentes as janelas.

Estava ali debruçado, vendo os instantes passarem - e como passavam tão lentamente agora.

Era noite. Os vizinhos, tão amigos, que se refrescavam sentados à frente de suas casas já haviam entrado, talvez para tentarem dormir um pouco, afinal já passava das dez. Permaneceu à janela. Sabia que o sono não o iria visitar tão cedo, especialmente porque o calor beirava o insuportável.

Há horas estava ali, e só se ausentava, de quando em quando, para ir à velha clímax vermelha e tornar a encher a caneca de alumínio com água gelada - sempre achava que beber em caneca de alumínio matava mais a sede.

A vista da janela dava para uma ruazinha estreita, ladeada por casinhas iguais, antigas como à sua.

Nas calçadas, algumas damas-da-noite, que, em noites como aquela, exalavam seu suave aroma de saudade.

Respirou profundamente olhando para o luar pleno e, como que entorpecido pelo cheiro das brancas florzinhas, pelo céu etéreo e azulado, a pouca brisa o arrebatou, momentaneamente. Flutuou pela mesma viela tão familiar; havia amigos também infantes, havia vozes amigas pela calçada, havia o mesmo calor e dançavam nos paralelepípedos, em brincadeiras de roda, em explosões de vida. Havia os pais, os primos e primas, os tios e tias, os avós, os aromas de doces feitos até altas horas, misturados a risos e sonoras falas das rodas de conversa dos mais velhos.

Uma brisa travessa o estapeou de leve no rosto. Foi inevitável o sorriso; a água da caneca, agora aspergida sobre rosto suado. Sentou-se no sofá, olhou ao redor. Estar ali o sublimava; sentia-se plasmado àqueles cômodos, àqueles cantos, àqueles móveis de tanto tempo. Novamente sorriu de satisfação. Vagueou pela casa, pisando, descalço os assoalhos que rangiam uma música agradável e suave; a luz da lua passava sorrateira e íntima pelo vitrô da cozinha, e acariciava a fruteira sobre a mesa. No quarto, a semiobscuridade que lembrava a sacralidade de um altar ainda não convidava para prostrar-se ante o sono dos justos.

De volta à janela, mais água gelada, mais calor, mais brisas carregadas de memórias. Recostando a cabeça, como que um Picasso emoldurado, quase ouvia o passar das horas; tão lentamente passavam. Estava mais ofegante, o calor também era mais intenso. Inevitável o tédio. Mais água, mais brisas mornas e exaustivas, mais calor, cansaço. Cada vez menos a lua emitia sua luz, vencida por uma intensa nuvem que cobria aos poucos os telhadinhos ordenados e velhos, o céu azulado, a luminosidade da ruazinha, as sublimes lembranças. De repente, uma rajada estúpida de vento fez bater uma folha da janela. O estrondo o despertou de sua abdução de sentidos.

Em meio ao calor insuportável, um calafrio receoso. Lá fora, as florzinhas perfumadas despencavam pelo desespero das folhas. Um desfile de pedaços de papel, folhas verdes, folhas secas passavam produzindo um sem número de ruídos estridentes. Olhou mais adiante, acima dos telhadinhos regulares e lá vinha, ainda mais sonora, a chuvarada, carro-chefe daquele desfile climático. A poeira foi aos poucos se rendendo à palmatória das águas que caíam regulares, lavando tudo, levando o nada.

Abriu as narinas, respirou fundo, junto com o aroma tão familiar de terra molhada de chuva vinha o refrigério. Quase gargalhou ao prazer indescritível de uma brisa dengosa que resvalou seu rosto. Baforadas de vento fresco embalavam o ritmo de sua respiração, cada vez mais cadenciada. Aquela invasão de ar inflava todos os cômodos da casa, expulsando o ar estagnado e fazendo também a casa respirar.

Expectante ouvia a orquestra das águas tocar cada vez mais baixo. Pianíssimo.

Restaram os aplausos de algumas goteiras. No beiral, logo acima da janela um pequeno tufo d'água despencava e ia dar num tijolo imenso ao pé do batente da porta da sala, formando um farto chafariz.

Não exitou; esticou a mão que segurava a caneca de alumínio e deixou que a casa destilasse seu choro ancestral. No céu, a lua espiava sonolenta por trás de um acolchoado de nuvens.

Amauri Baldine